



O Gaiato



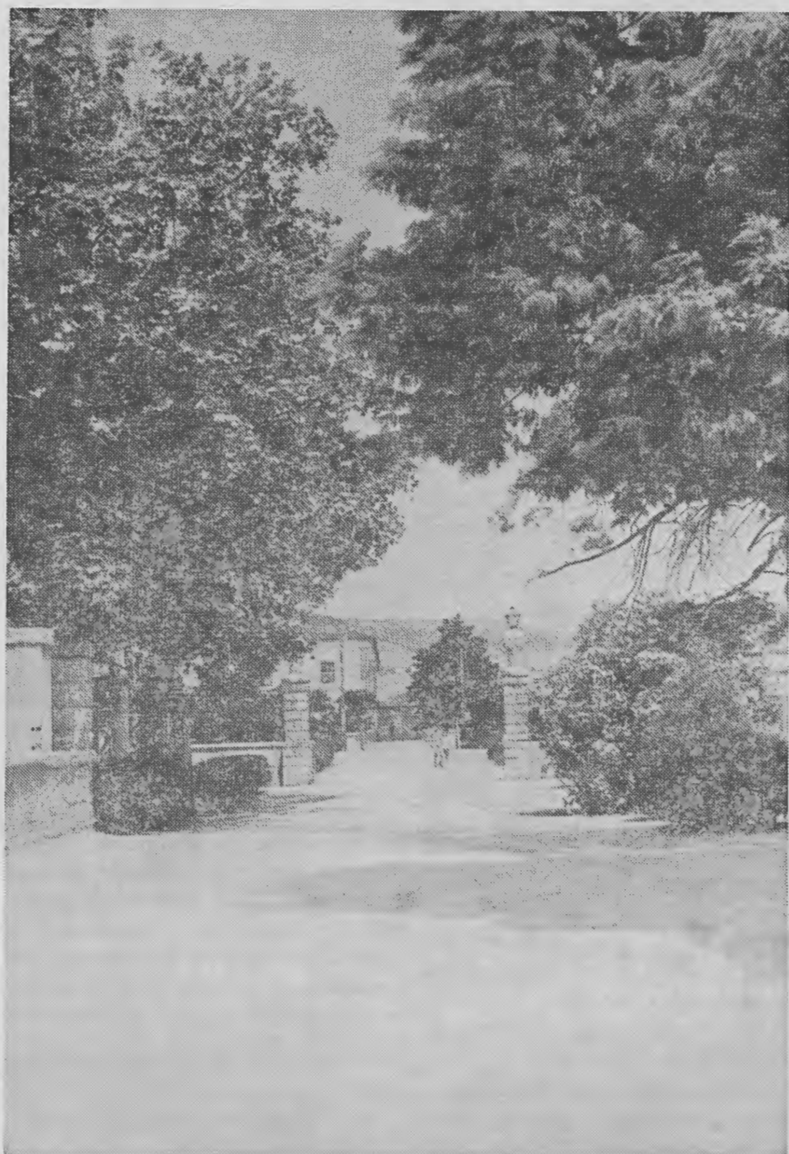
PORTE
PAGO

Quinzenário * 2 de Dezembro de 1978 * Ano XXXV — N.º 906 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



É uma vista da Casa do Gaiato de Lisboa, em Santo António do Tojal (Loures).

AQUI LISBOA!

«Amo. Respeito a pessoa humana, com todos os seus atributos. Detesto a série, a tutela, A escravidão.» (Pai Américo)

Temos para nós que a batalha fundamental do futuro da sociedade portuguesa se processa ao nível da Escola, a começar pelo sector primário e a acabar no escalão superior. Não temos, porém, a certeza de que os responsáveis, cristãos e com formação humanística, em geral, se tenham ainda apercebido de tal. Pelo que vemos e apalparamos, até nos parece que há uma certa apatia ou indiferença pelo caminhar das coisas, enquanto pessoas embebidas de ideias monolíticas, materialistas e dissolventes, tenaz e firmemente se vão desdobrando em esforços no sentido da consecução dos seus objectivos, a médio e a longo prazos.

Como já aqui escrevemos, as forças apostadas na «posse» do sistema educativo seguem um programa de acção sem limites de tempo. Interessadas na perversão de todo o ensino, para já, porém, procuram ocupar os lugares-chaves de toda a estrutura educativa. E é no escalão do ensino primário e no dos primeiros anos da escolaridade secundária que se desenvolvem as maiores ener-

gias, bem assim no capítulo da formação de todos os agentes de ensino. Minadas as bases, estarão abertos os caminhos para a tomada final de todo o sistema educativo, assegurando o seu controle total e monolítico.

Reuniões sobre reuniões, a propósito de tudo e de nada, dirigidas com frequência por militantes com ideias preconcebidas, vão desgastando as pessoas, quanto mais não seja pelo cansaço psicológico que procuram e efectivamente causam. O medo de alguns e a instalação de muitos são propícios ao desagregar de tudo. A não poucos agentes de ensino, infelizmente, só importa o dinheiro que recebem, sem se preocuparem com a batalha

em curso e as suas consequências, no futuro da sociedade e, portanto, no futuro dos seus filhos. A continuarem assim terão os frutos que merecem pela sua cobardia e pela passividade demonstrada.

Não menos grave é a preparação ou o deixar correr das famílias cristãs, que não estão atentas ou não são capazes de urgir o cumprimento dos seus direitos e deveres. Os pais não se podem demitir das suas responsabilidades, sob pena de verem os seus filhos guiados por padrões contrários aos que desejariam incutir-lhes. Todo o interesse e toda a atenção não serão demais e tudo o que se passa na Escola

Cont. na 4.ª pág.

DOCTRINA

Conhecemos há anos este casal, pais de quatro filhos, cuja consciência do dever social é, infelizmente, invulgar. Creio que já deles falei nestas colunas.

Há dias apareceu de novo com os seus dois mais novos, a pequenita fortemente empenhada no projecto dos pais. O primogénito formou-se recentemente em engenharia e está ensinando na província, já que na profissão não encontra emprego. Os outros três estudam e os dois mais novos ainda por muito tempo. Apesar disso eles acham que poderão criar mais um filho. A família vive exclusivamente do ordenado do pai, também engenheiro. A senhora emprega-se, absolutamente sózinha, na vida do lar. Sabem todos por experiência de sempre o que é austeridade. Os livros escolares, uma peça de roupa, um par de sapatos são objecto de cuidados que não desequilibrem o orçamento familiar. O carrinho utilitário sai da garagem por excepção. Habitualmente só de quinze em quinze dias, até à aldeia onde têm pequenina casa e quintal, a buscar produtos da horta que são governados durante a quin-

zena. Foi mesmo a propósito desta propriedade que nos conhecemos. Quando acabaram de a pagar, entenderam que deviam outra a quem a não tivesse. E o aforro imediato destinou-se a grangear a quantia que então era suficiente para uma casita modesta. Recordo ainda hoje a alegria serena, reflectida, discreta, com que vieram trazer-nos o cheque. Para a sua consciência, o cumprimento de uma obrigação. E a alegria, o fruto da obrigação cumprida. O sentimento era a face de uma opção profundamente meditada e voluntariamente deliberada. E assim a Caridade autêntica, feita de inteligência, do dom divino com que se saboreia o Mandamento único: Amarás...

Pois desta vez é um menino que se propõem receber. Não pode ser tão pequenino que tolha os passos daquela mãe de família totalmente comprometida com a vida de um lar de seis; nem tão crescido que se não possa enxertar e ser de verdade o sétimo daquela Família em que o amor do Próximo garante a novidade do

Cont. na 4.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

Numa das ruas da cidade encontrei, passeio acima, uma criada de servir com a mão presa à trela dum cãozinho. Era uma cara triste que me pareceu a fazer um trabalho escravo. O cãozinho vinha bem cintado e todas as correias eram adornadas com brochas de metal muito brilhantes.

O coração bateu-me. Senti um apelo dentro de mim e continuei o meu caminho, como toda a outra gente que passava, via e andava.

A uns trezentos metros, no passeio oposto da mesma rua, estava um homem sentado com três crianças à sua volta. Sen-

tados na terra batida, comiam coisas que não cheguei a saber. Mal vestidos e com ar de quem esperava. Vi-os ali muito tempo. Aviei a minha vida e ainda lá ficaram. Senti frio.

O resto da minha tarde e o resto deste dia foram estes dois encontros. O cãozinho a passear, luzidio de pêlo e de adornos, com uma criada ao seu serviço. Uma mulher com avental próprio e cara triste a passear o cão. Aquele homem, que me pareceu pai das três crianças, sentado com elas no chão, à espera tanto tempo. Alheios a quem passava.

Não consigo dormir. Também

gosto de cães. Faço-lhes mimos quando eles são meigos. Gosto dos animais. Deus criou os animais para servirem o homem. Enxoto-os quando querem ocupar os nossos lugares. Nós é que somos os senhores.

A imagem daquela mulher acompanhou-me. Ela é irmã de todos os homens e senhora dos animais. O seu aspecto não era de felicidade.

Aquelas três crianças sentadas à roda do pai incomodaram-me. A volta era um mundo de crianças a caminho das escolas e do liceu. Parecia

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

INSTRUMENTOS MUSICAIS

— Começámos com a campanha para a compra de instrumentos que fossem o nosso passatempo e também um meio cultural para todos nós, Rapazes.

Desde o início já conseguimos a bateria, viola baixo, viola ritmo e ainda mais uma viola de caixa simples para os Rapazes que mostrem mais interesse em aprender.

Quisemos agora lançar-nos à compra do órgão, que faz muita falta para o acompanhamento de um conjunto e podemos dizer que fomos bem atendidos até agora. Já pouco dinheiro nos falta. Cerca de quinze mil escudos.

Para o dito instrumento, chegaram os seguintes donativos: 50\$00 de Alijó; das termas do Vimeiro, através da assinante 26906, chegaram 900\$00 e estas palavras: «Este dinheiro já não julgava recebê-lo, por isso acho que o melhor destino era enviá-lo para ajuda da compra dos vossos instrumentos».

Mais 100\$00 de Lisboa e este recado: «Aqui mando uma migalhinha para ajuda da compra do vosso órgão. Realmente para o que vós precisais, é uma gota no oceano, mas muitos poucos fazem muito, não é verdade?»

Isto já nós aqui o dissemos e até tem dado resultado!

Aqui do Porto, chegam 50\$00 do assinante 13521.

Um obrigado muito sincero a todos, na certeza de que brevemente teremos o órgão.

Uma coisa queríamos esclarecer: Há pessoas que ajudaram com donativos para os instrumentos, que têm cá vindo, e, ou por não saberem, ou, talvez, por os cicerones que as acompanham não serem desenrascados; não chegam a ver os instrumentos! Deixo, pois, o aviso que se alguma vez isto acontecer digam ao cicerone para os levar à sala de ensaios e lá estaremos para vos receber.

ACTIVIDADES MUSICAIS — Quase todos os domingos de tarde são passados no nosso salão, onde costumamos ensaiar e ao mesmo tempo entreter os Rapazes.

As tardes de Outono e Inverno são frias e tornava-se urgente arranjar uma solução para as ocupar.

A malta sabe corresponder e dança conforme a música.

Por vezes aparecem visitantes que também colaboram na boa disposição que se faz sentir. Enquanto isto não se tornar maçador ocuparemos, assim, todos os domingos.

ACTIVIDADES DESPORTIVAS — O Desporto está a ganhar nova forma! No dia 18 de Novembro, sábado, reuniram no nosso salão, a fim de escolherem um treinador de futebol — que sairia dos jogadores — as casas 3 de cima, 2 de baixo e 2 de cima. Na votação, e ao segundo escru-

tínio, saiu vencedor o Álvaro Can-deias que já desempenhava essa função, não por ter sido eleito mas nomeado.

Indo agora ao encontro do atletismo, tenho a anunciar que vários atletas nossos foram convidados a participar em algumas provas da Feira de S. Martinho, em Penafiel.

A organização esteve muito fraca. E ainda houve atletas que ouviram por lá alguém dizer: «A organização dos gaiatos ainda foi melhor que esta aquando do 2.º Festival das Vindimas».

Não precisamos de nos gabar, mas reconhecemos que foi.

Na prova dos 6.000 metros, o Escalera foi lesado valentemente. Primeiro, atribuíram-lhe o 2.º lugar e entregaram-lhe o respectivo prémio. Depois, escreveram ou telefonaram a pedir que ele devolvesse o prémio porque não tinha sido o segundo classificado!...

Isto custa. E cada vez pensamos mais em melhorar os nossos festivais desportivos para que não possam dizer o mesmo de nós.

Entretanto continuamos a apelar para os clubes e seus dirigentes para a necessidade que temos de sapatilhas e equipamentos desportivos. Se os tiverem pr'á arrumados e nos quiserem dar, agradecemos desde já.

FUTEBOL — No dia 4 de Novembro houve um encontro entre o nosso onze e o F. C. dos Condes.

Salmos vitoriosos por 4 a 1. Esteve uma tarde impecável com um sol outonal bem quente.

Os golos foram marcados pelo Jorge Alvor, chefe maior (3) e pelo Celso.

Foi um jogo de igual para igual, já que ambas as equipas eram razoáveis.

Antes do encontro entrevistámos alguns jogadores.

Repórter — Como estás perante este jogo?

Álvaro — Bom... eu penso que vamos ganhar e vai ser um óptimo jogo.

R. — Que lugar ocupas na equipa? Álvaro — Eu não tenho lugar definido, jogo onde for preciso.

R. — Obrigado.

Depois foi a vez do Mário Póvoa: R. — Como estás perante o jogo, nesta magnífica tarde de Outono?

Mário — Pois eu penso que iremos ganhar.

R. — Estás assim tão confiante?

Mário — Claro, vamos ganhar e mais nada.

R. — Os nossos votos de boa sorte.

Ouvimos ainda o nosso guarda-redes, Manuel de Sá:

R. — Como te sentes perante este jogo?

Sá — Bem, apesar de não estar na melhor forma. Se a defesa trabalhar bem, talvez possa dar o meu melhor. Caso contrário... não sei.

R. — Achas que a equipa é razoável?

Sá — Acho que sim. Estamos bem organizados e vamos ganhar!

R. — Boa sorte para ti, Sá.

Antes de acabar o diálogo reparámos que o Sá estreava uns calções novos e aproveitámos a pergunta: R. — Vais estreiar uns calções novos ou como é?

Sá — É verdade. Vão ser estreados neste jogo contra o F. C. Condes e aliás — diz isto em ar de gozo — só os bons guarda-redes é que usam bons calções!

Depois de tudo isto, só resta dar os meus parabéns à equipa.

Mais duas vitórias! Uma, no dia 11 de Novembro, frente ao F. Clube da Retorta por 2 a 1. Outra, no dia 18, frente ao F. Clube Hotel do Pinhal ao qual ganhámos por 6-4.

Óptimos treinos. Boas vitórias. Parabéns!

«M rcelino»

Lar de Coimbra

O Senhor veio buscar a nossa boa Amiga D. Helena Bessa que há 38 anos se deu ao ensino dos gaiatos no Colégio Pedro Nunes. 38 anos

que se deu a nós tão generosamente e com tanto carinho, a colaborar com o grupo chefiado pela que tem procurado ser Mãe, D. Julieta!

O nosso P.e Horácio assistiu-lhe nos últimos dias com o Pão do Céu e administrou-lhe a Santa Unção. D. Helena quis preparar-se assim ainda melhor para entrar na Casa do Pai do Céu.

À noite velámos os seus restos mortais na capela mortuária, rezámos e celebrámos a Eucaristia. Procurámos fazer uma festa espiritual como ela gostava.

Participámos no seu funeral até ao seu enterramento e regressámos a casa com saudade.

Alguns dos nossos mais velhos também estiveram presentes. O «Lita» veio do Porto. O Carlos Manuel e Maria Helena vieram de Miranda do Corvo. Chico Zé e Pais vieram também. Sentimos que D. Helena era bem da nossa Família.

O Senhor Deus a tenha na Sua Paz. Paz que ela em vida procurou alcançar.

Receba, D. Helena, saudades de todos nós que fomos e somos

«Os muito seus gaiatos do Lar de Coimbra»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

TUBERCULOSE — Em tempos, soubemos de uma corrente (clínica) motivada a fechar sanatórios, optando pelo tratamento ambulatorio dos tuberculosos — como se faz nos países evoluídos (sic).

Quando a ideia subia os primeiros degraus, alertámos a sua inconveniência para muitos Pobres, mais interessados na cura do mal do que na desinserção do meio em que vivem...

«O número de tuberculosos é ainda tão elevado — friza um vespertino, em título a seis colunas, pela pena de um jornalista nosso velho Amigo — que não se compadece com um mero tratamento ambulatorio». Dessa oportuna reportagem, sobre determinada estância — na qual os problemas humanos dos Pobres saíram à baila, porque tinham mesmo de sair... — permitimo-nos transcrever o seguinte extracto, que diagnostica um ponto da situação:

«O dr. (...) prosseguindo na sua análise de técnico, afirmar-nos-ia: «O problema tomou ainda maior acuidade, porque começou a haver uma certa e acentuada pressão sobre os médicos dos dispensários, impedindo-os de internar os doentes. Para mim, é altamente gravoso e ofensivo dos próprios médicos. No entanto, esses colegas estão proibidos de internar os doentes; não podem passar guias de internamento (...), guias essas que só podem ser avalizadas pelos coordenadores distritais. E o que sucede? O coordenador distrital está muito longe do doente e não pode, de maneira nenhuma, controlá-lo, mesmo que quisesse optar pelo tratamento ambulatorio. O S. L. A. T. é o único organismo apto a internar doentes (...). Sucedem que um doente

sem guias não pode ser internado e temos de o remeter para o coordenador do seu distrito. Já viu o que isto representa para nós quando vemos um doente desses, sabendo do seu estado gravíssimo, a andar de Anás para Caifás? Evidentemente que não temos levado a preceito esse condicionalismo pois entendemos que, em primeiro lugar, está o tratamento do doente e, depois, se dará seguimento aos processos burocráticos que condicionam ou não o internamento.

Perante esta situação, a pergunta impunha-se: Para onde vão então os doentes?

— Antes do mais, devo dizer-lhe que se está a passar um caso muito grave: o estudante de Medicina de hoje já não dá importância ao doente tuberculoso porque julga, é mentalizado para isso, que esse doente é de somenos importância. É grave, muito grave, entrar-se nesta fase de menosprezar uma doença que é um mal nacional se não for devidamente controlado. Evidentemente que um doente desse género vai para o dispensário porque ainda há médicos que têm a obrigação de ser conhecedores do problema. Mas não basta dar-lhe os medicamentos. É preciso que os doentes os tomem, sejam controlados. E o que sucede nestes dispensários? É o doente que vai ao médico, enquanto no internamento é o médico que vai ao doente. E o doente vai tantas vezes ao dispensário que, ou por ser distante, ou por não ter meios de transporte, ou por mil e uma razões impeditivas, acaba por se aborrecer e o resultado é a morte. Por aqui se aquilata que há necessidade de ainda haver estâncias sanatoriais...

A opinião de um clínico responsável.

Ainda concretamente em relação aos Pobres:

Temos um razoável nível de vida (...), dispensários acessíveis no meio rural, por exemplo?

Temos um número de assistentes sociais qualificadas para coadjuvarem a acção terapêutica junto dos Pobres — com os necessários meios materiais?

Um doente que viva na promiscuidade (ou já não há barracas, nem ilhas, nem barredos?) e sem condições materiais para adequado regime terapêutico, pode obter cura no ambulatorio — ou segue de carinho nos tais 10% de insucesso (estatístico)?

E mais e mais — diria Pai Américo.

PARTILHA — Os nossos leitores, umas vezes mais outras menos, não deixam de partilhar algo para resolução de problemas dos Pobres, que temos em mãos.

Aqui vai Cascais: 200\$00. Porto, rua do Outeiro (Massarelos), o mesmo «para ajuda do Natal dos Pobres». Assim, sim! De Leitões (Mira) esclarecem: «O pouco que restar (de acerto de contas com livros de Pai Américo), aplicá-lo-ão na vossa Conferência».

Agora, façamos uma pausa:

«Segue um vale postal de 1.000\$00 com destino à casa que espera telha-



Mais um casamento: Celina e Manuel Luís («Nisa») que foi da nossa Aldeia de Paço de Sousa e, depois, de Benguela.



Novos Assinantes de «O GAIATO»

Mais uma coluna de novos assinantes!

Muitos deles caminham pelo seu pé. Outros, de mãos dadas a leitores assíduos de O GAIATO. Todos muito interessados na expansão do «Famoso».

A procissão é tão rica, tão viva, que entusiasma!

«A juntar aos 20 assinantes que já tive o gosto de angariar — afirma um Amigo do Porto — peço o favor de juntar mais um.»

Sendo já 21, quantos virão ainda?! Nunca podemos avaliar, em toda a extensão, a devoção dos homens por uma Causa sagrada. São valores transcendentes, exactamente porque estão na mão de Deus — o que muitas vezes não entendemos, só com os pés na terra...

Agora, postal datado de um departamento militar:

«Caros amigos:

Um abraço para todos são os meus votos.

Envio a direcção para um assinante..., condutor que aí levou umas camas e armários. Ficou sensibilizado com o que viu e, para melhor conhecer a Obra da Rua, quer ser assinante.»

Andamos tão fartos de guerras, de desvarios, de quantos morrem injustamente pelo po-

der dos mais fortes; tão angustiados pela terrível corrida aos armamentos — a bomba de neutrões é o último grito...! — que rejubilamos com Militares de paz.

Outra carta, familiar, pelo punho da assinante 31462. Ela vem do Porto e, pelo cheiro, é tripeira:

«Bons amigos:

Visitei, há dias, a vossa Casa de Paço de Sousa, acompanhada da família e é escusado dizer quanto nos agradou essa visita.

O «Mestre» (o que trata das vacas) e o José de Famalicão, que aí está há duas ou três semanas, foram os nossos ciclerones. Não ficou nada por ver. E a nossa admiração pela vossa Obra mantém-se firme.

Por isso, cá vão mais uns novos assinantes, pois bem merecem que todos vos ajudem a andar para a frente.»

São mais cinco deles! Mais cinco lâmpadas acesas. Não importa a intensidade da luz, pois não há dois homens iguais. E quem diz homens diz mulheres.

Passam novos assinantes que não precisam de muletas. Fátima, de Linda-a-Velha, afirma:

«Estou interessada em assinar O GAIATO. Digam-me o que preciso fazer e quanto devo pagar. Grata...»

do e cuja heróica dona, em meados de Outubro, dispunha apenas de 22\$50 para seu governo e da respectiva família até ao fim do mês.

Tenho andado a amealhar para um casaco de inverno. Mas como, por graça de Deus, ainda tenho casaco e até casa própria para viver, é com muita alegria que remeto a pequena importância acima referida.

Com anonimato absoluto desejaria saber pelo O GAIATO, que assinamos e leio da primeira à última página, se a referida importância foi recebida.»

A comunicação dos santos é assim mesmo — partilhando.

Um sacerdote da diocese da Guarda — cuja presença topamos uma vez por outra nesta procissão — segue com um pesado cheque «para ajudar algum Auto-construtor com maior necessidade de auxílio». Desculpe termos ido tão longe, já que pede disséssemos apenas «De um sacerdote da Guarda em sufrágio dos seus defuntos». Volte quando puder e como puder. A sua passagem é um estímulo — até d'ordem espiritual.

Porto Salvo, 100\$00. Assinante 19177, 200\$00, sublinhando: «Era o que eu gastava a mais em flores para o cemitério. Comprei umas mais fracas e o que havia de gastar a mais mando para os Pobres, por alma de meus pais, marido e filho». Que bem!

Quitéria d'algueres, descanse! Tudo chegou a tempo e horas. O correio vai de secção em secção e quando chega a nossas mãos já deu voltas.

No Espelho da Moda: 100\$00 por alma de Albertina; o mesmo do assinante 20208, de Mesão Frio; e 500\$00 da 13519, «donativo do mês de Novembro». Tão certinha!

Mais caras conhecidas: Rua das Amoreiras, Lisboa, «a minha ajuda costumada, de Setembro e Outubro. Peço desculpa de ir atrasada, mas a vida é complicada e fica sempre para amanhã e foi hoje». Maria Antónia, também da capital, 200\$00. «Velha Amiga», idem, com o mesmo. Assinante 4514, 400\$00 e uma carta repassada de alegria:

«Minha filha mais velha começou agora a trabalhar e das primeiras remunerações recebidas entregou-me um donativo de 1.000\$00 para a Obra do Padre Américo. Disse-me que já há muito guardava este desejo no seu coração. Só agora, que o recebimento dum vencimento se tornou uma realidade, me transmitiu as suas intenções. Este gesto deu-me muita felicidade.»

São pedaços d'alma, luz que não poderia ficar debaixo do alqueire. Um testemunho de que a Família ainda é lugar sagrado.

Anónima da rua Firmeza, Porto, 50\$00 «pequena migalha para um casal mais necessitado — mas dada com amor. Sou viúva. Vivo de uma pequena pensão. Se Deus me deixar, pelo Natal enviarei mais um pequeno donativo». O Óbulo da Viúva. Demos graças a Deus!

Finalmente, também do Porto, 200\$00 da assinante 11162 relativos aos meses de Outubro e Novembro. São cada vez mais habituais estas partilhas mensais. Cotas sem cobrador, à boa maneira cristã.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Deu a resposta: «Estou interessada». Tudo o resto virá por acréscimo.

Leiam este postal de Lisboa:

«Sou o Foscoense que, no mês passado, pedi seis jornais.

Não comuniquei que desejava ser assinante, mas desejo!

Este ano fui colocado em Lisboa, mas vou duas vezes no mês à terra.

Podem enviar uma vez no mês (incluindo os dois), para as despesas do correio serem mais baratas.»

Sublinhamos o sentido de economia. É um homem de vida dura, com certeza, salgada no bulício da capital. E gosta mais dos ares de Foscoa..., onde vai

● Acabávamos de almoçar e era domingo. Ouvi um miúdo a chorar aos gritos. Corri a saber e perguntei o que era. Responde o «Perna Longa», nas calmas: — É o irmão do «Lisboeta» e é por causa de uma tábua.

— Uma tábua?! — disse eu.

— Sim, uma tábua!

Chamei então os da tábua: Bento e «Lisboeta». Cada um no seu estilo. O primeiro bem comportado, um menino de coro. O segundo, um traquina de primeira ordem, queixinhas e com uns olhos azuis vivaços lá bem dentro de umas pestanas compridas. Ambos diziam ter direito à tábua. Tive que ouvir o caso, três ou quatro vezes, contada ora por um, ora por outro. Tinha havido negócio e o direito à tábua parecia-me do «Lisboeta», embora com reservas. Parecia-me. Pois faltou-me a paciência para ouvir as testemunhas e fiquei-me no parecer. Pelas lágrimas e gestos é que o parecer perdeu as reservas e o «Lisboeta» ganhou posse e a tábua, o legítimo dono. Um parecer favorável, um acordo mútuo e eis mais um dos nossos muitos casos resolvidos. Uma palavra, uma chamada de atenção, um equilíbrio de forças pela justiça, e os conflitos acabam. Nas crianças...

A simplicidade é verdade. Nos adultos, que diferença! A boa vontade nem sempre chega.

● Mais um problema. Este mais sério. Envolve os mais velhos. Uma bola de futebol «desapareceu». Há um palpite sobre quem a tirou do lugar. Chama-se o pessoal do futebol e o presumível réu. Faz-se tribunal. A verdade não aparece logo. É preciso insistir. É preciso haver contradições. É preciso ter havido coincidências. E só depois, mas depois e sem ninguém arredar pé é que sai a confissão da culpa. «Até que enfim» — disse o silêncio geral.

«duas vezes no mês». Não há terra como a nossa!

Por fim, com todo o respeito, damos a palavra aos «Avós de Sintra»:

«Mais uma assinante para O GAIATO. E penso que arranjaréi outros, dentro em breve, pois tenho mais outra irmã que ainda não é assinante.

Peço a Deus que haja, cada vez mais, quem se lembre dos Pobres e vos ajude cristãmente.»

«Mais um assinante!» E quantos hão-de vir! Saibam os tocados estar atentos, não se furtando ao recado, fiamos a dizer ao sinal que o Senhor marca na alma da gente. Já dizia Pai Américo: — É assim que se fazem as grandes revoluções pacíficas.

Por esse mundo fora, tantos à espera de quem assopre para

que o Lume arda! Até mesmo no meio dos que dizem conhecer a nossa Obra, a Obra da Rua; são nossos Amigos, mas nunca pousaram os olhos em O GAIATO... Vamos à cata deles! Vamos assoprar. O resto não é de nossa conta.

Numa vista d'olhos pelo grosso da procissão assinalamos novos assinantes de Évora, Amadora, Mira, Torres Vedras, Cadima, Aveiro, Vila Nova de Gaia, Cabeços, Vouzela, Santa Maria de Lamas, Folgosa (Maia), Leça da Palmeira, Valongo, Gafanha da Nazaré, Braga, Trofa, Oeiras, Queluz, Santo António dos Cavaleiros, Coimbra, Oledo, Arcozelo (Vila Nova de Gaia), Malveira, uma data deles do Porto e Lisboa, Rio de Janeiro (Brasil) e Brauersweg (Alemanha Federal).

Júlio Mendes

O nosso dia-a-dia

Acabaram as contradições, as coincidências e as insistências. Os faltosos têm quase sempre a mania de mentir. A acusá-los, a abafar o mal, a tirar a coragem, a destruir a melhor defesa — a verdade! O primeiro pecado do primeiro Homem, a obrigá-lo a esconder-se de Deus, dos outros e de si próprio. A mentira. E não fora a voz de Deus através da sua consciência e o Homem teria fugido da responsabilidade do seu acto.

Chamar à responsabilidade é

o dever grande da responsabilidade. Há várias maneiras de o fazer. Cada Homem, cada caso, cada situação...

Neste tribunal houve um colega que disse ao «réu»: — «Não queremos mais nada, só que digas a verdade». E a verdade viria a aparecer, embora envergonhada. De colega a colega a verdade sai melhor do que em escadões diferentes. É assim mesmo!

Padre Moura

RETALHOS

■ O homem tem dificuldade em corrigir os seus defeitos mesmo que os conheça, mesmo que reconheça quanto o prejudicam. Isto é verdade para quase todos nós, mas apesar de saber isto não pude deixar de me impressionar um dia destes ao verificá-lo, dramaticamente, num dos nossos rapazes.

Já há uns anos que está aqui. Não sabe de pai nem mãe, apenas uma madrinha que o recolheu ao vê-lo abandonado. Antes de vir para aqui esteve noutra instituição semelhante. Mas como ele diz:

— Fazia tantas que me mandaram embora.

Pois por aqui também tem feito tantas... tantas! Não há avaria em grupo em que ele não esteja metido. Os outros variam, ele é uma constante. Vai-se tentando tudo, mas as forças do mal custam a dominar. As quedas acontecem. Um dia destes fugiu. Vieram-no trazer. As fugas já foram muitas, tinha de ser castigado. Foi-o. Depois chorava. Chorava muito. Falava do seu passado. Dizia:

— Não conheço pai nem mãe. Mas tenho tido muitas pessoas amigas, que têm querido con-

fiar em mim; e confiaram apesar das asneiras que eu ia fazendo. Mas eu não me tenho emendado e torno a fazer o que não devo, de tal maneira que acabam por se chatear de mim, perdendo eu amigos.

O seu lado bom continuava a falar:

— Quero que este castigo me faça bem, que não volte a ser preciso castigarem-me, porque já tenho treze anos e já penso na vida.

Quem dera que assim seja.

■ Estamos em fase de ensaios das Festas. A grande dificuldade é juntar os «artistas». Uns andam na escola primária, têm aulas de manhã e estudo no fim da tarde; outros andam na Telescola, têm aulas durante a tarde e estudo à noite; outros têm trabalho durante o dia e estudam à noite. Só aos fins de semana, mas mesmo neles, de quinze em quinze dias, alguns estão ocupados na venda do jornal. Apesar de tudo as coisas marcham, na certeza que os amigos, que conosco marcaram encontro nas Festas, saberão desculpar as falhas.

Padre Abel

Nota da Quinzena

Um telefonema. Assistente Social expunha o problema de um Rapaz nosso, hoje adolescente e a viver com a mãe e o padrasto, marginalizado num lar em vias de dissolução. Que voltássemos a recebê-lo, eis o seu apelo.

O Victor foi nosso de pequenino. Veio do Albergue de Mendicidade por onde a mãe também passara. Era uma pobre mulher, de bom fundo mas de cabeça débil, que continuou a sua vida errante por muitas mãos. O seu anseio, como é vulgar entre as da sua situação, era arranjar um homem, ter um lar. Passaram anos — conseguiu-o. Andou atrás de nós para levar o filho. Tentámos fazer-lhe ver os perigos: Era nova; viriam outros filhos; e depois...? O Victor tinha o seu lugar na nossa Família; estava-nos afeiçoado. Porque o não deixava em paz? Continuará a vir vê-lo, como era seu costume. E refaria a sua vida com menos riscos. Ela teimou e o pequeno foi.

A princípio tudo correu bem. Vieram, de facto, novos filhos. O Victor começou a ser achado

intruso, pelo padrasto. Questões e mais questões trouxeram o lar à beira da rutura. Daí a intervenção da Assistente Social.

Um caso tantas vezes repetido que, infelizmente, não nos surpreende. A Páscoa passada veio vivê-la connosco o «João II», que nos deixou em condições idênticas. Também com ele tudo foi doce na «lua-de-mel». Depois, posto fora de casa, o seu destino foi andar em pistas de carros, de feira em feira. Até que uma vez, no Tramagal, conseguiu emprego na construção civil; e lá está, só, entregue a si-mesmo, fazendo-se homem intensamente, mas de um modo cruel. Este é muito mais capaz de defender-se do que o Victor, mas, com 17 anos, de onde lhe vem o bafo indispensável a um crescer equilibrado?

A mesma solicitação se põe agora em relação ao «Porton». Quinze anos em uma natureza muito frágil. Nada menos frágil nos parece a família que a mãe agora lhe oferece, depois que se casou. A voz do sangue fala dentro dele. A ilusão, tão fácil na idade, pesa muito. Nós não queremos, mas a pressão é tanta que, por certo, ele irá. E depois...?

Tão frequentes, pois, casos assim, que nem os traria a esta Nota se não fora o equívoco corrente, manifestado pela Assistente Social que nos falou do Victor. Ela acha que foi muito bem a experiência feita: Podia ter resultado... Podia, mas não resultou; e era, a priori, probabilíssimo que não resultaria. E a vítima quem é? O Victor, que, não lhe bastando a ferida de ter nascido sem lar, se encontra de novo em carne viva quando ela ia já a caminho de curar.

A mãe nunca deixou de lhe querer — honra lhe seja! Mas se lhe quisesse com inteligência, punha o bem dele à frente do que no seu amor materno pode haver infiltrado de egoísmo — e não o arriscaria. Assim fizeram algumas ao longo da vida das Casas do Gaiato. Ainda há oito dias eu fui pedir a uma Igreja do Porto. Peditório tratado por um dos nossos, ali residente e comprometido na vida da Paróquia. Pai de três filhos, um lar encantador, ele pôs como condição que iria também pedir com os Rapazes de agora. E foi. E eu consolei-me! Pois, a sua mãe, quando ele era pequenino, resistiu à oferta que Pai Américo fez de lhe dar uma pensão e teria o filho consigo, companheiro da sua viuvez. «Eu nunca lhe posso dar o que a Obra lhe dará.» E vinha vê-lo; e pedia-o de quando em quando, com muita delicadeza. E morreu feliz com os mimos do filho, já casado e Homem que aproveitou em cheio o que a Obra tem para dar.

Claro que a mãe do Victor não tem esta inteligência do amor e não é culpada de a não ter. Mas, neste caso, quem defende os filhos dos traumas que a instabilidade afectiva abre fundo?

Tanto se fala da Criança, dos seus direitos e, afinal, ela continua a vítima dos sentimentos dos adultos, jogada ao sabor dos seus desejos e experiências, indefesa por uma lei mais que tibia. Regressar à Família de sangue, porque houve uma autêntica restauração dela — com certeza! É uma dupla vitória: a instituição familiar que ressurgiu e o regresso da criança aonde sempre deveria ter estado. Mas quando esta restauração não tem raízes e não oferece, portanto, garantia de futuro, porquê ir perturbar mais os que já nasceram em perturbação?!

Foi o que respondemos à Assistente Social: O regresso do Victor, só muito garantido do risco de experiências futuras que a mãe pode querer renovar.

A senhora perguntou-me se sabia de outras Instituições.

Padre Carlos

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

não lhes deve ser indiferente.

A indisciplina, para não dizer o caos, existente em grande número de estabelecimentos escolares, toca as raízes do inconcebível. Ora, sem ordem e sem um clima mínimo de calma, não pode haver educação fecunda. Se há professores que assinam o ponto e vão às aulas, mas não ensinam, os alunos, na sua maioria, servem-se de expedientes para garantir apenas a média mínima, nem que nada estudem e aprendam. A degradação do nível do ensino atingiu volumes paradoxais e a ignorância, supinamente crassa, é o lugar comum. A continuarem as coisas como estão, é fácil adivinhar o que vai ser deste País, formado por «analfabetos funcionais», para utilizar expressão adequada.

Os valores nacionais são desprezados ou aviltados. A história da expansão portuguesa no Mundo foi apenas uma série de roubos e de ganâncias. Da exacerbação doentia dos feitos dos nossos antepassados passou-se ao denegrir de tudo e de todos. O sentimento nacional está ausente na maior parte dos casos. Há que explicar tudo pelo processo histórico, à boa maneira marxista, sugerindo-se ideias e costumes que são alheios à alma portuguesa. Temos de esquecer os Heróis e Santos da nossa História, para nos apoderarmos de um complexo de culpa inibidor e patológico. Não se aprende a língua pátria, mas fala-se dos ismos todos, possíveis e imaginários, nem que se solete mal e, com o 5.º ano ou mais, não se saiba escrever uma simples carta.

Antes de terminar, queríamos, à laia de elucidação, contar um facto. Certa professora falou aos seus alunos do Mosteiro da Batalha e do seu significado, tendo tecido algumas considerações a propósito. Idem em relação aos Lusíadas e a Camões. O pai dum dos jovens, ao tomar conhecimento do sucedido, escreveu

uma carta de parabéns à senhora, felicitando-a pelo evento, por não ser já costume tratar desses temas nas aulas. Assim vai este País...

Finalmente, não queríamos deixar de transcrever palavras de Paulo VI, aos estudantes romanos, numa das Suas habituais audiências dominicais, tão adequadas para os jovens portugueses: «Procurai ser os discípulos de uma escola exigente e metódica, em vez de simples frequentadores de uma escola fácil, privada de sólida e consciente disciplina e isenta de esforço que fará de vós homens e mulheres capazes de reflexão». Que as famílias e os professores as entendam também e, então, sim, ainda com Paulo VI, «viva a escola».

● O Armando é nosso há quase nove anos. Do seu drama não vou falar, que não é pequeno, aliás. É um rapaz curioso, com reacções extravagantes e inesperadas, a propósito de tudo e de nada, a ponto de nos deixar boquiabertos e de fazer sorrir mesmo quando a cruz pesa. No outro dia, já para lá do meio da tarde, oferecemos-lhe um tónico. Após o jantar, uma hora ou duas depois, ei-lo no nosso escritório a declarar: «F., afinal tomei o xarope e não senti mais apetite». Ora vejam lá, se o nosso Armando, embora seco de carnes, é capaz de comer meio cabrito a uma refeição, o que é que sucederia se o referido tónico actuasse como ele julgava?! A vida nas nossas Casas é assim: nem sempre chove ou faz sol; mesmo nas horas difíceis e de tempestade há lugar para o raio de sol!

● Recomendam-nos os responsáveis pelos pelouros dos sapatos e dos guarda-chuvas que sublinhemos aqui o pedido oportunamente feito na «Crónica do Tojal». O mesmo se diga do que se escreveu na quinzena anterior, nesta local e na Crónica dos Rapazes. É que as Casas, dentro da unidade da Obra, têm maneiras e estruturas diversas de concretizar as coisas, devendo «gozar de uma racional independência e, quanto possível, bastarem-se» (Pai Américo).

Padre Luiz

casou e é funcionário na Caixa de Previdência. Dois irmãos, dois casais, dois lares, cada um com dois filhos. São um sabor doce, para compensar outros sabores amargos.

Ernesto Pinto

Setúbal

● Ele há coisas grandes que se vêem com grandes aparelhos científicos. Pois é isso mesmo que nós aprendemos na escola. Eu hoje também aprendi muito. Tenho estado em tratamento numa casa de saúde duma irmandade. Eu passava e um deles, que eu já conheço por calçar uns sapatos de ténis dos antigos, pede-me ajuda. Eu fui com ele e no caminho fui aprendendo. Ao ajudá-lo aprendi mais e no fim, depois de tanto aprender, depois de ver tanta grandeza num homem que calça sapatos de ténis dos antigos, olhei que ele era o sineiro e também o homem que arrecadava o que não presta. Oh! grandeza deste Franciscano. Só nós somos tão pobretanas. E «é no dar que se recebe...»

● Eu passava na zona da cozinha. Era noite. O jantar já tinha acabado. Um deles estava a lavar as travessas e os olhos piscavam-lhe a pedir calma. Não admira, ele tinha andado todo o dia na ceifa do arroz... E enquanto o esforço deste dá para uma sonolência de paz, quantos no meio deste mundo procuram introduzir uma sonolência de guerra?!...

● Andamos a ceifar e a debulhar o nosso arroz. É época de muito esforço cá em Casa. Faz parte da nossa sobrevivência. Se outro rendimento não desse, vai introduzindo nelas vontade e brio, a nós incute-nos remédio contra a preguiça.

Padre Horácio

Doutrina

Cont. da 1.ª pág.

amor com que entre si se amam. Felizes! Feliz mundo se fosse este o padrão da vulgaridade! E não devia sê-lo numa sociedade que na sua quase totalidade se afirma cristã?!

Padre Carlos

● Um dia destes estiveram connosco dois irmãos de sangue que foram nossos. São eles o Crisanto (grande) e o Crisanto (pequeno). Vieram acompanhados de esposas e filhos. «...Cada um procurou e encontrou aquilo que mais lhe era preciso» — assim nós ensina Pai Américo.

Pois eles estão integrados na sociedade, cada um no seu lugar: o mais velho acabou o curso — trabalhando — e começou a ser professor no Magistério. O mais novo tirou o 7.º,



Director: Padre Carlos

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa